

A APROPRIAÇÃO INDEVIDA DA ESCRITA EM TESES E DISSERTAÇÕES: PROCEDIMENTO OU CIRCUNSTÂNCIA?

*Arlene Moreno de Castro*¹

Resumo: Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de doutorado, em que pesquisamos como a imagem do professor das séries iniciais e sua atuação na formação de leitores estão sendo apresentadas em textos acadêmicos. Nessa perspectiva, este artigo tem como objetivo discutir o modo de inserção de apropriação da escrita acadêmica. Para isso, utilizamos como aparato teórico Andrade (2011), Krokosz (2014), Oliveira (2016), Aires (2017), Camargos, Paz e Silveira (2018). Para a composição do *corpus* deste artigo, realizamos busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); encontramos 12 trabalhos e selecionamos 1 trabalho para análise, o qual despertou interesse em compreender o porquê e como aquela produção escrita havia sido realizada, direcionando-nos a definir sobre conceitos de plágio circunstancial e plágio procedimental, com o objetivo de responder o que pode ter conduzido o autor a lançar-se em um dos conceitos citados.

Palavras-chave: Professor; Leitura; Escrita; Plágio.

Introdução

Este artigo faz parte de uma pesquisa de doutorado com o objetivo analisar teses e dissertações que têm como tema a formação do professor das séries iniciais, especificamente as produções que abordam a atuação desse profissional na formação de leitores.

Assim, a inquietação surgiu em razão das leituras sobre a produção acadêmica, ocasião em que encontramos afirmações negativas sobre a leitura e sobre os profissionais responsáveis por ensinar a ler nas primeiras séries da educação formal. Esses aspectos fizeram-nos pensar a pesquisa a partir do lugar em que o professor se insere nesse contexto e o que as pesquisas acadêmicas contribuem (ou não) sobre o assunto.

Com isso, consultamos teses e dissertações sobre a formação docente e sua prática com o objetivo de responder à pergunta de pesquisa e observamos que, no

¹ Pedagoga, mestra em Políticas Sociais e doutoranda na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. E-mail: arlenemoreno@usp.br

decorrer da análise do primeiro trabalho, encontramos indícios de plágio direto, plágio mosaico ou paráfrase, de acordo com a classificação de Camargos (2018). Diante dessa circunstância, consideramos importante abordar a questão do plágio, após a leitura do primeiro trabalho selecionado, para composição do *corpus* da pesquisa de doutorado, no qual encontramos indícios de plágio, o que nos levou a refletir sobre o assunto e selecionar o referido trabalho para escrevermos este artigo.

A hipótese inicial para explicar a presença do plágio nesses trabalhos é a de que pode haver fragilidades na disciplina de Metodologia de Pesquisa. Para encontrar resposta, verificamos a ementa da disciplina de Metodologia em Pesquisa da graduação em Matemática da universidade em que o pesquisador se graduou, pois é uma disciplina obrigatória para a graduação, oferecida presencialmente e com a carga horária legal de 60 horas. Porém, de acordo com a ementa da disciplina, o principal objetivo é refletir sobre algumas características da investigação científica em geral e das investigações em educação. O programa da disciplina está pautado na crítica da investigação científica, na ideia de ciência, na justificação do conhecimento científico e na experimentação em Educação e outros estilos de investigação educacional.

A disciplina de metodologia em pesquisa, auxilia o aluno na construção de sua pesquisa, assessorando-o desde os passos iniciais da elaboração, desenvolvimento, até a finalização do trabalho, orientando-o quanto a estrutura e, sobretudo, apresentando as normas estabelecidas às quais a pesquisa acadêmica precisa estar submetida.

O graduando cursa as 60 horas obrigatórias da disciplina e segue sua vida acadêmica na pós-graduação, inclusive, com os ensinamentos que adquiriu, porém, a possível insuficiência desse conhecimento pode explicar, não justificar, o plágio em texto acadêmico, visto que a discussão sobre isso não está expressa na ementa da disciplina.

Os resultados encontrados corroboram com a hipótese inicial de que pode haver fragilidades na disciplina de Metodologia de Pesquisa e isso pode ter efeitos prejudiciais, como o que identificamos no trabalho que estamos analisando, trechos copiados, os quais apresentaremos a seguir. Além disso, essa dinâmica, de apropriação indevida, reverbera em uma fragilização da escrita acadêmica, pois não produz conhecimento, prejudicando, inclusive o ensino na Educação Básica, como observa o Barzotto (2016) quando procura entender a relação do pesquisador com a bibliografia e os dados de sua pesquisa:

Com isso, acredito ter localizado indicadores que, ao possibilitarem a compreensão dos procedimentos de leitura e de produção de textos acadêmicos, têm permitido, também, a indicação de caminhos para a construção de outras posturas perante a formação universitária e a produção de conhecimento. Acredito, ainda, que isso tem reverberações para o ensino da leitura e da escrita na escola básica (BARZOTTO, 2016, p. 67).

Barzotto (2016) alerta sobre a relação do pesquisador com a fundamentação bibliográfica e os dados de sua pesquisa; anuncia que é evidente considerar a escola como lugar de produção de conhecimento. Portanto, a universidade não poderia, ou ao menos, não deveria, ter outras responsabilidades que eclipsassem sua maior função, que é a produção do conhecimento.

1 Aspectos metodológicos

Nesta seção, descrevemos os procedimentos metodológicos, desde o levantamento à seleção das análises dos textos. Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo, a busca foi por trabalhos relacionados com a proposta da pesquisa de doutorado, que tem como título: *A imagem do professor das séries iniciais na formação de leitores em dissertações e teses*.

Após a seleção dos trabalhos, escolhemos a pesquisa que identificamos como DEO-01, com interesse em compreender o porquê de aquela produção de escrita haver sido realizada daquela maneira.

Para finalizar, esclarecemos que a pesquisa escolhida foi defendida no ano de 2007, em uma universidade privada, localizada na Região Oeste da cidade de São Paulo. Neste artigo, analisamos especificamente o item 2.2, que trata sobre a leitura na escola, no capítulo de Revisão Bibliográfica da pesquisa. Dada a busca no levantamento dos textos para compor a revisão literária, lemos as pesquisas de Andrade (2011), Krokosz (2014), Oliveira (2016), Aires (2017), Camargos (2018), Paz (2018) e Silveira (2018). Esses autores problematizaram, em suas teses e dissertações, questões acerca da escrita autoral, plágio, apropriação intelectual, bem como condutas inadequadas na redação de trabalhos acadêmicos. Esses trabalhos compõem a base teórica deste artigo.

2 Aparato teórico

As pesquisas de Andrade (2011), Krokosz (2014), Oliveira (2016), Aires (2017), Camargos (2018), Paz (2018) e Silveira (2018) contribuíram para a formação da fundamentação teórica deste trabalho. Assim, os autores discutiram a questão do plágio, mas não sob a ótica que estamos discutindo, ou seja, sobre duas probabilidades de se resultar plágio: o procedimental e o circunstancial.

Krokosz (2014, p. 13) aponta, dentre outros fatores, que o plágio pode acontecer por falha no processo de identificação das fontes utilizadas ou ter relação com a necessidade de produtividade acadêmica. Andrade (2011) também demonstrou que a produtividade acadêmica é um fator importante para se configurar plágio na escrita. Esses autores dialogam entre si, e estamos em consonância com suas pesquisas porque entendemos que a necessidade de produção acadêmica seja, em alguns casos, um elemento que possa influenciar o plágio.

Oliveira (2016, p. 94) pontua que a falta da prática de leitura e escrita leva o aluno ao comodismo intelectual, buscando maneiras mais fáceis e antiéticas de construção dos trabalhos acadêmicos. As pesquisas de Aires (2017) e Silveira (2018) se aproximam, e ambos pesquisaram a política e as ações para combater o plágio nos trabalhos acadêmicos; concluíram que as ações institucionais implementadas não eliminam os problemas consequentes de plágio e que é preciso estabelecer diretrizes, indicando ações preventivas e educativas. Essas pesquisas mostram que a apropriação indevida da escrita está pautada no que denominamos de plágio procedimental.

Paz (2018) buscou as percepções dos alunos de pós-graduação sobre plágio em trabalhos acadêmicos e concluiu que eles apresentavam noções superficiais sobre plágio, ao mesmo tempo que não souberam identificar situações que configuraram o plágio e que há uma carência de orientação metodológica por parte da universidade. A pesquisa de Paz (2018) apresentou o ponto de vista dos alunos nos direcionando a pensar que, nesse caso, o plágio configura-se de maneira circunstancial.

No que diz respeito ao plágio, em Camargos (2018), encontramos um quadro com as seguintes informações:

Quadro 1: Descrição de plágios

Tipos de plágio	Descrição	Referência
Plágio direto ou integral.	Cópia ou transcrição completa de uma fonte sem usar citações ou sem referenciar o autor.	Garschagen (2006); Kirkpatrick (2003).
Plágio parcial.	Cópia de algumas frases ou parágrafos de diversas fontes.	Garschagen (2006).
Referência vaga ou incorreta.	O autor não informa o início e o fim da referência retirada da fonte.	Kirkpatrick (2003).
Plágio conceitual.	Apropriação de um ou vários conceitos ou de teoria que o plagiador apresenta como fosse de sua autoria.	Kirkpatrick (2003).
Paráfrase.	Troca de palavras em uma frase ou em um parágrafo sem a devida menção à autoria original.	Imran (2010).
Plágio mosaico.	Misto de paráfrases com citações. A pessoa muda algumas palavras do autor e reformula os parágrafos sem, contudo, referenciar a fonte.	Kirkpatrick (2003).
Autoplágio.	Ocorre quando um autor copia de si próprio um trabalho ou ideias anteriores, utilizando-se de paráfrases de modo a tornar diferente o já feito.	Imran (2010).
Plágio consentido ou conluio.	Artigos, trabalhos feitos por outro ou comprados.	Garcia (2006).
Falsa autoria.	Inclusão de indivíduo que não contribuiu para o trabalho.	Imran (2010).
Referência falsa.	Como seu nome implica, é dado para colocar uma referência em um parágrafo ou frase que não corresponde à fonte original onde tais informações foram coletadas.	Imran (2010).

Fonte: Cremasco (2016 *apud* CAMARGOS, 2018, p. 26).

Além do quadro apresentado (Quadro 1), destacamos o exposto pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) a propósito dos aspectos que configuram o plágio:

O plágio, ou a utilização de ideias ou formulações verbais, orais ou escritas de outrem sem dar-lhe por elas, expressa e claramente, o devido crédito, de modo a gerar razoavelmente a percepção de que sejam ideias ou formulações de autoria própria (FAPESP, 2011, p. 25).

Levando em consideração os elementos apresentados, podemos afirmar que, de acordo com a análise realizada, o pesquisador incorreu em quase todos os tipos de plágio, com exceção do autoplágio, a falsa autoria e a referência falsa.

Aires (2017) constatou em sua pesquisa que as políticas implementadas nas Instituições de Ensino Superior (IES) pesquisadas não proporcionam a eliminação do plágio, uma vez que foram detectados inúmeros problemas de plágio inclusive em IES que formalizaram ações dessa natureza (AIRES, 2017, p. 134). E conclui que:

[...] se as instituições de ensino superior tivessem normativos internos bem estabelecidos, fossem mais rigorosas quanto à análise dos documentos e punição dos responsáveis, realizassem orientações periódicas à comunidade por meio de palestras, seminários temáticos e oficinas de capacitação, desenvolvessem políticas e intensificassem ações para o combate sistemático da desonestidade em pesquisa, além de contarem com o suporte de um software para análise do plágio nos documentos, o volume de problemas relativos ao plágio, provavelmente, seria menor do que os apresentados nos resultados desta pesquisa, o que beira uma tragédia científica. Destaca-se que, somente por meio de ações efetivas, o cenário da pesquisa na área de Ensino pode ser aperfeiçoado (AIRES, 2017, p. 138).

Embora a pesquisa de Aires (2017) tenha contribuído com o tema, sua pesquisa demonstrou plágios mesmo em IES que desenvolveram políticas para combatê-lo. A apropriação indevida da escrita pode estar ocorrendo em outras áreas além da área de Humanas, como mostra Andrade (2011) em sua tese intitulada *Má conduta na pesquisa em ciências contábeis*.

Concordamos com Krokosz (2014) quando enuncia que o plágio pode acontecer em todas as áreas. No entanto, nas áreas comerciais, artísticas, industriais, dentre outras, o recurso jurídico é acionado. Na área acadêmica, no ensino, dificilmente o plágio chega a dimensões judiciais, pois só pode acionar a justiça o autor da obra.

O pesquisador relata que é no âmbito do Ensino Superior que mais se têm produzido pesquisas sobre o plágio, e os resultados obtidos têm mostrado que um dos motivos mais alegados pelos estudantes para a prática do plágio é a falta de tempo (KROKOSZ, 2014, p. 33). Desse modo, o autor alerta que os estudantes ingressam no Ensino Superior normalmente em instituições particulares para

uma ascensão profissional, e as tarefas acadêmicas são meros requisitos para conseguirem o certificado, ou seja, não estão preocupados com a pesquisa porque não têm interesse científico.

Krokosc (2014, p. 136) conclui sua pesquisa sugerindo que a produção textual científica, sobre plágio, poderia explorar e aprofundar as reflexões e o debate para contribuir no desenvolvimento de uma conceituação nova e mais adequada sobre o assunto. Dialogamos com o autor e insistimos na ideia de que o ato de ensinar a realizar a pesquisa pode fazer diferença na elaboração de novos trabalhos, tanto de graduação quanto de pós-graduação.

Esses autores colaboraram para que fizéssemos o que chamamos de indicativos de análise do *corpus* selecionado.

3 Plágio procedimental ou circunstancial, o que é isso?

Nesta seção, discutiremos sobre dois conceitos de plágio, a fim de pensar sobre o que conduz o autor ao plágio, ou seja, o objetivo é pensar como essa escrita foi construída e refletirmos sobre dois conceitos: o plágio procedimental e o plágio circunstancial. Como plágio procedimental, será compreendido aquele em que o autor sabe que está se apropriando da escrita do outro; plágio circunstancial, como aquele em que o autor faz sem saber o que está fazendo.

4 A confluência do discurso do outro

Identificamos o *corpus* em análise deste trabalho como DEO-01, especificamente em todo item 2.2, ocupado por citações de uma única autora. Encontramos indícios de plágio direto, plágio mosaico ou paráfrase, conforme a classificação de Camargos (2018).

No texto analisado, nenhuma das frases está entre aspas, verificamos o texto original, a fim de observar como apareciam. Começamos fragmentando a comparação do item por parágrafos, porém, no decorrer da análise, constatamos que todo o item 2.2.2 da dissertação é uma reprodução de algumas páginas do livro que o autor utilizou como fonte.

Com o objetivo de dar fluência à leitura deste artigo, elaboramos quadros (total de quatro) com recortes dos cinco primeiros parágrafos² dos pontos plagiados encontrados. O primeiro parágrafo analisado é composto por 2 frases, ambas com o verbo conjugado no presente do indicativo: é, conforme pode ser observado a seguir:

2 Informamos que todos os trechos são cópias fiéis da fonte utilizada.

Quadro 2: Comparação – 1º parágrafo x Capítulo IV

Trabalho DEO-01	Livro fonte
Para Maria ³ (2002), ler é adentrar-se em outros mundos possíveis. É questionar a realidade para compreendê-la melhor, é distanciar-se do texto e assumir uma postura crítica frente ao que de fato se diz e ao que se quer dizer, é assumir a cidadania no mundo da cultura escrita.	Ler é entrar em outros mundos possíveis. É indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta de cidadania no mundo da cultura escrita.

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

O pesquisador utiliza sinônimos para reescrever o que a autora do livro fonte havia dito anteriormente, quando o autor utiliza “adentrar” em lugar de “entrar”, “questionar” em vez de “indagar”. Na última parte do texto (conforme mostra o Quadro 2), com o objetivo de tornar o parágrafo autoral, modifica o que a autora do livro fonte escreveu *frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta de cidadania no mundo da cultura escrita*, por *frente ao que de fato se diz e ao que se quer dizer, é assumir a cidadania no mundo da cultura escrita*.

Podemos perceber que o autor parafraseia a fonte utilizada, ou seja, transpõe para seu texto com outras palavras (sinônimos) o que a autora escreveu, uma cópia quase que *ipsis litteris* sem estabelecer um diálogo com os pressupostos teóricos em questão, tampouco mostra que a bibliografia utilizada reflete o ponto de partida de sua argumentação. Nesse sentido, observa-se que o referencial teórico retomado não corrobora para sua discussão, porque o autor não faz considerações contrárias ou semelhantes, apenas reproduz o que sua fonte escreveu.

Nessa linha de pensamento, destacamos a parte em que se diz: “ler é distanciar-se do texto e assumir uma postura crítica frente ao que de fato se diz e ao que se quer dizer”. Embora não esteja explícito, presume-se que, ao citar esta frase, o autor faz apropriação do texto lido, e essa é uma recomendação comum feita aos pesquisadores – sempre que procedemos à leitura de um texto acadêmico, devemos fazê-la de forma crítica e analítica, o que significa dizer que o autor do texto deve posicionar-se em relação ao material apresentado.

Acompanhando o 2º parágrafo do item 2.2.2 da referida dissertação, destacamos:

3 Nome fictício.

Quadro 3: Comparação – 2º parágrafo x Capítulo IV

Trabalho DEO-01	Livro fonte
<p>Maria⁴ (2002) levanta a seguinte questão: é possível ler na escola? Mesmo considerando o estranhamento, a resposta aponta para as críticas às condições em que são desenvolvidas atividades de leitura na escola. Sua crítica diz respeito ao que denomina “desnaturalização” que ocorre com a leitura. Maria⁵ chama a atenção para o deslocamento que se dá quando a obra passa a ser incorporada ao trabalho escolar, cuja consequência é a mudança de foco do papel da obra literária na aprendizagem do leitor. Citando dois exemplos de autores que percebem esse equívoco, pontua que Bernard Shaw se negava sistematicamente a aceitar que suas obras integrassem os programas escolares, ao passo que Gabriel García Márquez se divertia ao analisar as interpretações arbitrarias que os professores(as) faziam de suas obras, que são objeto de ensino em muitos países da América Latina.</p>	<p>É possível ler na escola? Esta pergunta pode parecer estranha: por que pôr em dúvida a viabilidade da leitura numa instituição cuja missão fundamental foi, e continua sendo, precisamente a de ensinar a ler e escrever?</p> <p>No entanto, a descaracterização que a leitura sofre na escola foi mostrada de forma irrefutável. Muito antes que isso se transformasse num lugar-comum da bibliografia didática, Bernard Shaw se negava sistematicamente a aceitar que suas obras fossem parte dos programas escolares.</p> <p>García Márquez se diverte analisando o que acontece com as suas, que são objeto de ensino em muitos países da América Latina.</p>

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

No excerto coletado, o pesquisador reescreve sua fonte com outras palavras, ele faz um jogo semântico com algumas palavras para não as repetir e em outros momentos naturalmente as repete. Assim, pensando sob a ótica do objetivo da pesquisa e trazendo aqui meu parecer enquanto professora, percebemos que o pesquisador se posiciona, delineando críticas ao ensino da leitura, no entanto, novamente é uma repetição de sua fonte, além da inexistência de dados da escola que menciona.

Além disso, ao utilizar as citações de sua fonte sem nenhuma problematização e discussão, indicando, assim, uma imagem docente que se distancia do comprometimento acerca do ensino de leitura na escola ao afirmar que na escola a leitura é “desnaturalizada” e que há mudança de foco do papel da obra literária na aprendizagem do leitor. Dessa maneira, o pesquisador pode induzir o leitor a conclusões improcedentes a respeito da prática docente, reforçando o paradoxo sobre a profissão professor.

Notamos, por exemplo, que a mudança de foco certificada no quadro (Quadro 3) quando os autores da pesquisa DEO-01 e do livro fonte comentam que Gabriel García Márquez utiliza o verbo “divertir” ao analisar o modo como os professores se apropriam de suas obras para o ensino da leitura, imprimindo tom zombeteiro e depreciativo ao trabalho que os professores realizam com seus alunos. Bernard

4 Nome fictício.

5 Nome fictício. Esse nome representa a fonte que o pesquisador utilizou.

Shaw e Gabriel García Márquez não concordam, nem discordam, não há contra-posição para deliberar um pensamento além de meras reproduções de palavras.

Dando continuidade à leitura do trabalho que estamos analisando, percebemos que, além de o pesquisador plagiar sua fonte, fazendo apropriação indevida de partes do livro que utiliza como sua revisão bibliográfica, o livro utilizado por ele foi autoplagiado de uma coletânea de textos produzido para o Ministério da Educação.

Acompanhando o 3º parágrafo do item 2.2.2 do referido trabalho, identificamos:

Quadro 4: Comparação – 3º parágrafo x Capítulo IV x coletânea de textos do MEC

Trabalho DEO-01	Livro fonte	Documento do MEC
<p>Maria⁶ (2002) pondera que a ficção não se reduz a produção de <i>interpretações peregrinas</i> – no final das contas, a obra literária é aberta e aceita múltiplas interpretações. Todo o tratamento que a escola dá à leitura é fictício, começando pela imposição de uma única interpretação possível. Ironicamente, a pesquisadora pergunta: Será que a escola é também uma obra de ficção?</p>	<p>A ficção não se reduz à produção de <i>interpretações extravagantes</i> – afinal de contas, a obra literária é aberta e aceita múltiplas interpretações. Todo o tratamento que a escola faz da leitura é fictício, começando pela imposição de uma única interpretação possível. Será que a escola é uma obra de ficção?</p>	<p>A ficção não se reduz à produção de <i>interpretações peregrinas</i> – no final das contas, a obra literária é aberta e aceita múltiplas interpretações. Todo o tratamento que a escola dá à leitura é fictício, começando pela imposição de uma única interpretação possível. Será que a escola é, também, uma obra de ficção?</p>

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Nesse quadro, notamos que o pesquisador, aparentemente, também parafraseia sua fonte, o que aconteceu foi que parafraseou o que a autora do texto fonte escreveu para um programa do Ministério da Educação no ano de 2001. Além disso, a própria autora (fonte utilizada pelo pesquisador) se autoplagia substituindo a palavra “peregrina”, do mesmo texto, substituindo-a por “extravagantes”, para compor seu livro que escreveu em 2002, comprometendo, inclusive, o entendimento do que vinha sendo exposto.

Nessa linha, o dicionário, define-se “extravagante” por aquilo que se destaca por ser estranho ou fora do comum (EXTRAVAGANTE, 2020), ao passo que “peregrinar” define-se por viajar, andar longamente por lugares vários e distantes (PEREGRINAR, 2020).

Na tentativa de compreendermos o que o pesquisador e sua fonte pretendiam (Quadro 4), recorreremos ao fato de que utilizaram o sentido figurado para dizer que podemos ter múltiplas interpretações de texto ficcional, desde que nenhuma seja sem propósito.

6 Nome fictício. Esse nome representa a fonte que o pesquisador utilizou; se ocultássemos o nome, não seria conferido sentido ao excerto.

Ademais, destacamos que as duas afirmações colocadas em DEO-01, quando apoiadas em sua fonte, dizem:

“[...] **todo** (grifo nosso) o tratamento que a escola dá a leitura é fictício, começando pela imposição de uma única interpretação possível.”

Fonte: retirado do texto em análise.

Destacamos o advérbio “todo” devido à importância que trouxe à frase, reforçando negativamente o ensino da leitura na escola; se na escola quem ensina é o professor, os autores, DEO-01 e sua fonte, embora de forma subjacente, constroem uma imagem do professor. O fragmento mostra que toda afirmação necessita de comprovação, e o autor, nem mesmo sua fonte, trouxe dados que respaldassem a afirmação feita por eles.

Além de nos contrapormos às afirmações elencadas, enfatizamos que a compreensão dos autores não evidencia o que genuinamente acontece no espaço escolar quanto ao ensino da leitura e interpretação de textos. A perspectiva, em trazer tais dados como *corpus* de análise para nossa tese, reside no fato de que nos preocupamos com a produção de conhecimento acerca da escola e do ensino.

A literatura acadêmica auxilia no embasamento de pesquisas através dos dados encontrados, e quando um trabalho apenas reproduz outro trabalho, não apresenta dados, nos parece que temos uma superficialização do conhecimento, que pouco contribui para a superação das reais dificuldades encontradas no fazer docente. No quadro, temos:

Quadro 5: Comparação – 4º e 5º parágrafos x Capítulo IV

Trabalho DEO-01	Livro fonte
<p>Maria⁷ (2002), ao destacar impressões de García Márquez sobre seu contato com as obras literárias na escola, apresenta algumas de suas preocupações como educadora, acerca da leitura na escola:</p> <p>“O tratamento que a escola (e somente ela) dá à leitura é perigoso porque corre o risco de “assustar as crianças”, ou seja, de distanciá-las da leitura ao invés de aproximá-las dela; ao pôr em dúvida o contexto da leitura na escola, não é justo sentar os professores no banco dos réus, porque “eles também são vítimas do sistema de ensino”; No entanto, não devemos perder todas as esperanças: em certas condições, a instituição escolar pode converter-se em um ambiente propício à leitura; essas condições devem ser criadas antes mesmo das crianças aprenderem a ler no sentido convencional do termo, e uma delas é que o professor assuma o papel de intérprete e os alunos possam ler através dele.” (p. 75).</p> <p>A autora pondera, então, que se conseguíssemos criar outras condições didáticas, seria possível fazer da escola um ambiente propício à leitura, de forma que os alunos pudessem ter acesso aos livros, atividade necessária para se tornarem cidadãos inseridos na cultura escrita.</p>	<p>Nas observações de García Márquez, estão incluídas algumas das idéias que tentarei desenvolver neste trabalho: o tratamento da leitura que costuma ser feita na escola é perigoso, porque corre o risco de “assustar as crianças”, quer dizer, de distanciá-las da leitura, em vez de aproximá-las dela; ao pôr em dúvida a situação da leitura na escola, não é justo sentar os professores no banco dos réus, porque “eles são vítimas de um sistema de ensino”. No entanto, não devemos perder todas as esperanças: em certas condições, a instituição escolar pode transformar-se num âmbito propício para a leitura; essas condições devem ser criadas desde antes que as crianças saibam ler no sentido convencional do termo, e uma delas é que o professor assuma o papel de intérprete e os alunos possam ler através dele</p> <p>Se conseguirmos outras condições didáticas em todas as escolas, é provável que tenhamos mais escritores geniais. Mas isto é só um detalhe. O essencial é outra coisa: fazer da escola um âmbito propício para a leitura é abrir para todos as portas dos mundos possíveis, é inaugurar um caminho que todos possam percorrer para chegar a ser cidadãos da cultura escrita.</p>

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Semelhantemente aos excertos anteriores, o pesquisador movimenta-se reproduzindo o que sua fonte escreveu, desenvolvendo uma escrita com pequenas alterações, seja explorando a seleção de termos ou estruturas sinonímicas ou utilizando paráfrases do texto de partida, não apresentando importantes contribuições à pesquisa.

A partir de exemplos de paráfrases, Barzotto (2007, p. 164) já interrogava se pequenas paráfrases seriam suficientes para a apresentação de algo novo, indagando se o novo texto pode ser considerado como produção de conhecimento. Dessa forma, não percebemos a interlocução feita pelo pesquisador frente a referência selecionada para ajudá-lo a elucidar seu problema de pesquisa, e esse movimento encontra-se ao longo de todo item 2.2.2, em que o pesquisador prossegue da mesma forma. Portanto, verificamos indícios de uma escrita não autoral, uma vez que sustenta sua posição reproduzindo os autores na tessitura da sua dissertação.

7 Nome fictício.

Considerações finais

Após a leitura de um texto acadêmico, nesse caso, uma dissertação, encontramos em várias passagens do texto indícios de plágio, por isso resolvemos escrever este artigo com objetivo de refletir sobre o que pode conduzir um autor a praticar plágio circunstancial ou plágio procedimental. Para isso, além do texto escolhido como *corpus*, recorremos aos autores Andrade (2011), Krokosz (2014), Oliveira (2016), Aires (2017), Paz (2018), Camargos (2018) e Silveira (2018) que se debruçaram em pesquisar sobre plágio para nos apoiar sobre o tema e nos fundamentarmos para discutirmos sobre o assunto.

Ressaltamos que a disciplina de Metodologia em Pesquisa, que abarca o ensino dos métodos e procedimentos para a realização de pesquisas, pode estar sendo oferecida de maneira que as aprendizagens necessárias não estejam sendo contempladas, pois há espaços nessa disciplina que não estão sendo preenchidos com devido ensino e aprendizagens necessárias. Portanto, quando o aluno pratica o plágio procedimental, além de possíveis dificuldades com a escrita, pode estar envolvido na questão utilitarista da escrita (realizar trabalhos para conseguir apenas nota), mas ele pode, inclusive, desconhecer das implicações legais do seu ato. Além disso, quando o aluno pratica o plágio circunstancial, caracterizando o não aprendizado de como se faz pesquisa, bem como suas configurações obrigatórias, nosso pressuposto de que havia fragilidades na disciplina de Metodologia de Pesquisa se legitima.

Em suma, reconhecemos fragilidades sobre o ensino da pesquisa na disciplina de metodologia de pesquisa, porém, no que diz respeito a escrita com plágio procedimental, é resultado da escolha do pesquisador e isso está relacionado à sua subjetividade e a uma série de fatores sobre a construção do sujeito, sua educação formal e informal e o contexto histórico em que está inserido. Compreendemos que, como um ser livre, mesmo que tenha conhecimento (ou não) sobre a construção da escrita acadêmica, pode optar por caminhos que considere mais conveniente em detrimento à construção do conhecimento.

THE MISAPPROPRIATION OF WRITING IN THESIS AND ESSAYS: PROCEDURE OR CIRCUMSTANCE?

Abstract: *This present study is a cut-off from ongoing doctoral research, in which we researched how the image of the early grade teacher and his role in the formation of readers are being presented in scholar texts. While analyzing the first assignment which composes the corpus of the research, other elements were arising, such as, for example, the indication of misappropriation of the researcher's writing. From this perspective, this article aims to discuss the way of insertion of appropriation of academic writing. In order to compose this article, we searched the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD), finding 12 works and electing 1 for analysis, which aroused interest in understanding why and how that written production had been carried out, directing us to define the concept of circumstantial plagiarism and procedural plagiarism, at the end of answering what may have led the author to launch himself in one of the concepts cited.*

Keywords: *Teacher; Reading; Writing; Plagiarism.*

Referências

- AIRES, João Paulo. *Análise de plágio em teses e dissertações dos programas de pós-graduação na área de ensino no período de 2010 a 2012*. 2017. 168 f. Tese (Doutorado em Ensino de Ciência e Tecnologia) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, 2017.
- ANDRADE, Jesusmar Ximenes. *Má conduta na pesquisa em ciências contábeis*. 2011. 124 f. Tese (Doutorado em Ciências Contábeis) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- BARZOTTO, Valdir Heitor. *Leitura e produção de textos: limites e relações intersubjetivas*. In: CALIL, Eduardo (org.). *Trilhas da escrita: autoria, leitura e ensino*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 159-170.
- BARZOTTO, Valdir Heitor. *Leitura, escrita e relação com o conhecimento*. Campinas: Mercado das Letras, 2016.
- CAMARGOS, Luciano Borges. *O plágio da obra escrita no ambiente acadêmico e suas conseqüências*. 2018. 76 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Inovação Tecnológica) – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2018.
- EXTRAVAGANTE. In: DICIO. *Dicionário Online de Português*. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/extravagante/>. Acesso em: 14 fev. 2021.
- FAPESP – FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Código de boas práticas científicas*. São Paulo, 2011. Disponível em: www.fapesp.br/boaspraticas/codigo_050911.pdf. Acesso em: 29 ago. 2020.
- KROKOSZ, Marcelo. *Outras palavras: análise dos conceitos de autoria e plágio na produção textual científica no contexto pós-moderno*. 2014. 161 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- OLIVEIRA, José Gláucio Brito Tavares de. *Autoria e plágio em trabalhos acadêmicos: políticas e ações de combate a contrafação no contexto universitário*. 2016. 67 f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Processos Institucionais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.
- PAZ, Laís Guizelini da. *Percepções dos alunos do curso de mestrado profissional em engenharia e desenvolvimento sustentável da Ufes sobre a ocorrência de plágio em trabalhos acadêmicos*. 2018. 109 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia e Desenvolvimento Sustentável) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.
- PEREGRINAR. In: DICIO. *Dicionário Online de Português*. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/peregrinar/>. Acesso em: 14 fev. 2021.

SILVEIRA, Zélia Pires da. *Plágio na academia: reflexões sobre a integridade na pesquisa e a ética na formação docente e discente*. 2018. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

Recebido em 20 de outubro de 2022

Aceito em 05 de dezembro de 2022